

Aquisição da posição dos clíticos em português europeu¹

João Costa & Maria Lobo
FCSH-Universidade Nova de Lisboa/CLUNL

Abstract

Although previous studies describe early clitic misplacement in European Portuguese based on spontaneous production data, there were no systematic studies quantifying clitic misplacement in different contexts in young monolingual children. Based on an elicited production task, we elicited clitics in different proclitic and enclitic contexts from 42 children, aged 5 and 6 year old, and a control group of 20 adults. We show enclisis is acquired early, but there still is generalization of enclisis to proclitic contexts in 6 year olds. Clitic misplacement, however, is not identical across the different proclitic contexts, reflecting the complexity of specific grammatical contexts and input variability associated with them.

Keywords: acquisition, clitic misplacement, European Portuguese

Palavras-chave: aquisição, colocação de clíticos, português europeu

1. Introdução

Os estudos sobre aquisição de clíticos mostram que, embora haja problemas em algumas línguas com a produção de clíticos nos estádios iniciais de aquisição (omissão de clíticos), na maioria das línguas não há problemas na colocação de clíticos (ver Guasti, 1993/94; Wexler, Gavarrò & Torrens, 2004; Hamann *et al.*, 1996; Grüter, 2006; Marinis, 2000; entre outros). Na aquisição do italiano, do espanhol, do catalão, do francês e do grego standard, as crianças colocam os clíticos em posição pré-verbal ou pós-verbal de acordo com os padrões da gramática-alvo.

Como se sabe, os padrões de colocação de clíticos na maioria destas línguas estão dependentes da finitude da oração: em italiano, em espanhol, em catalão e em grego standard, o clítico ocorre em posição pré-verbal em orações finitas e em posição pós-verbal em orações não finitas:

(1) a. Gianni **gli** telefona.

Gianni lhe telefona

“Gianni telefona-lhe”

b. Gianni ha deciso di telefonargli.

Gianni tem decidido de telefonar-lhe

“Gianni decidiu telefonar-lhe”

¹ Este estudo foi, em parte, desenvolvido com financiamento do projeto “Dependências Sintáticas dos 3 aos 10” [PTDC/CLE-LIN/099802/2008], financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Agradecemos a Stéphanie Dias Vaz e a Mariana Silva a ajuda na recolha dos dados.

Em francês, há próclise generalizada, quer em orações finitas, quer não finitas, sendo o contexto imperativo a única exceção:

(2) a. Jean **lui** téléphone.

Jean lhe telefona

“O Jean telefona-lhe”

b. Jean a décidé de **lui** téléphoner.

Jean tem decidido de lhe telefonar

“O Jean decidiu telefonar-lhe”

c. Téléphone-**lui** !

Telefona-lhe !

Em português, contudo, tal como em grego cipriota (ver Petinou & Terzi, 2002), a colocação de clíticos é condicionada sintaticamente, podendo encontrar-se em orações finitas quer próclise, quer ênclise, dependendo de contextos sintáticos específicos. Como descrito por vários autores, como, por exemplo, Duarte e Matos (2000), em português europeu, em orações finitas, os clíticos ocorrem: i) em posição pré-verbal – próclise - na presença de negação, certos advérbios pré-verbais, elementos-wh iniciais, sujeitos quantificados, orações encaixadas com C preenchido, elementos focalizados em posição inicial (e.g. 3a); ii) em posição pós-verbal – ênclise – em todos os outros contextos (e.g. 3b); iii) no meio da forma verbal – mesóclise – nos contextos enclíticos com o futuro simples e com o condicional (3c):

(3)a. A Maria não **te** viu / *viu-**te**.

b. A Maria viu-**te** / ***te** viu.

c. A Maria ver-**te**-á. / ***te** verá / *verá-**te**.

A colocação dos clíticos em português tem sido um dos fenómenos mais estudados, quer numa perspetiva diacrónica, quer numa perspetiva sincrónica, considerando diferentes variedades do português. A explicação para a colocação de clíticos em português não é, no entanto, consensual. Consoante os autores, a colocação de clíticos em português europeu está dependente de: i) propriedades do domínio funcional periférico (ver Madeira, 1992; Martins, 1994; Rouveret, 1999; entre outros); ii) desencadeadores sintáticos específicos (cf. Duarte e Matos, 2000); iii) uma combinação entre fatores sintáticos e prosódicos (cf. Frota e Vigário, 1996; Barbosa, 1996).

Para alguns autores, a próclise é um padrão menos marcado, estando a ênclise associada a uma derivação mais complexa – movimento do V para posição funcional mais alta (e.g. Martins 1994); para outros autores, a ênclise é um padrão menos marcado,

correspondendo a próclise a um padrão com mais custos derivacionais desencadeado por elementos sintáticos específicos (cf. Duarte *et al.*, 1995; Duarte e Matos, 2000).

Partindo da ideia de que o desenvolvimento linguístico pode refletir a complexidade computacional (cf. Jakubowicz, 2004; entre outros), os dados de aquisição poderão trazer alguma evidência para confirmar ou infirmar diferentes hipóteses construídas para a gramática do adulto.

2. Estudos anteriores sobre aquisição de clíticos

Nas últimas décadas, tem havido uma série de estudos que se centram no fenómeno de omissão de clíticos na aquisição. Os estudos mostram que: i) existe variação entre línguas quanto à omissão de clíticos na aquisição e quanto à idade em que deixa de existir omissão; ii) existe variação entre clíticos quanto às taxas de omissão. Há línguas em que quase não se verifica omissão em estádios iniciais de aquisição, como o espanhol (cf. Wexler *et al.*, 2004) e o romeno (cf. Babyonyshev & Marín, 2005); há línguas em que há omissão apenas em estádios iniciais, antes dos quatro anos, como o italiano, o catalão e o francês (cf. Schaeffer, 2000; Wexler, Gavarrò e Torrens, 2004; Grüter, 2006); há línguas em que a omissão se prolonga até idades mais tardias, como em português europeu (cf. Costa e Lobo, 2006, 2007a; Silva, 2008; Costa, Lobo e Silva, 2009). Para além disso, nas línguas com omissão, nem todos os clíticos são omitidos em taxas idênticas: os clíticos acusativos não reflexos são os mais problemáticos; os clíticos reflexos, pelo contrário, ou quase não são omitidos (cf. Jakubowicz *et al.* 1998) ou deixam de ser omitidos mais cedo (cf. Costa e Lobo, 2007b; Silva, 2008).

Para o português europeu, em trabalhos anteriores, propusemos que as taxas mais elevadas de omissão e o prolongamento da omissão até idades mais tardias estão relacionados com a existência da construção de objeto nulo na gramática-alvo. A omissão de clíticos na aquisição do português europeu corresponde, assim, a uma generalização da construção de objeto nulo.

Apesar de o fenómeno da omissão de clíticos na aquisição ter sido bastante estudado, o mesmo não acontece com a colocação de clíticos. Há muitas propostas teóricas sobre a colocação de clíticos na gramática adulta, mas são poucos os estudos que consideram a colocação de clíticos na aquisição.

Para o grego cipriota, num estudo que inclui dados de produção espontânea de cinco crianças com desenvolvimento típico (com idades entre 32 e 36 meses) e cinco crianças

com perturbação específica do desenvolvimento linguístico (com idades entre 48 e 60 meses), Petinou & Terzi (2002) mostram que há problemas de colocação de clíticos, com generalização da ênclise a contextos de próclise, e com desenvolvimento dos 32 para os 36 meses nas crianças com desenvolvimento típico. Mais recentemente, num estudo de produção induzida com crianças que estão a adquirir o grego cipriota, com idades entre os 2;5 e os 4;0, Neokleous (no prelo) mostra que as crianças com menos de 3 anos generalizam a ênclise a contextos de próclise (com conjuntivo), mas não têm problemas com os contextos de ênclise. A partir dos 3 anos, não se encontraram problemas de colocação de clíticos.

Para o português europeu, estudos anteriores (ver Duarte *et al.*, 1995) referem, com base em dados de produção espontânea, que, em estádios iniciais, as crianças generalizam a ênclise a contextos de próclise. Segundo as autoras, a colocação de clíticos estabiliza por volta dos 48 meses²: nesta idade, as crianças já produzem maioritariamente clíticos em próclise em contextos de negação e em orações com complementadores lexicais.

Na produção escrita, o trabalho de Santos (2002) mostra que, em tarefas de produção escrita induzida, não se encontraram grandes problemas em contextos enclíticos e proclíticos em orações finitas de adolescentes (12 e 14 anos) e que, pelo contrário, as dificuldades se centram sobretudo na mesóclise, que está longe de ser dominada aos 14 anos (apenas cerca de 15% de acerto). Também Costa (2012), num estudo realizado com alunos do 10º ano, conclui que a mesóclise é um padrão que não é dominado (taxas de acerto inferiores a 30% em itens de transformação). A mesóclise não parece, assim, ser adquirida espontaneamente, mas sim aprendida (com dificuldade) na escola.

Flores e Barbosa (2012), num estudo que compara a colocação de clíticos em 12 crianças e jovens falantes de herança de português residentes na Alemanha (entre os 7 e os 15 anos) e 12 crianças e jovens falantes monolingues de português residentes em Portugal, mostram que as taxas de acerto nos contextos de próclise rondam os 93% nas crianças monolingues, mas apenas 50% nos falantes de herança, sendo a variável idade aquela que parece desempenhar um papel predominante. Nenhum dos grupos revelou problemas nos contextos de ênclise.

Apesar de a literatura registar sobretudo problemas com os contextos de próclise em idades precoces e de mesóclise em idade escolar, se considerarmos dados de produção espontânea em idade pré-escolar, podemos constatar que, na aquisição do português

² As conclusões das autoras baseiam-se num corpus de produções espontâneas, transcrito em formato CHILDES, cedido por Dília Ramos Pereira. As autoras não indicam as idades das crianças analisadas, nem quantas crianças foram consideradas no estudo. Nas citações incluídas no texto, encontramos iniciais de 6 crianças diferentes, com idades entre os 19 meses e os 5 anos.

AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

européu, se podem encontrar diferentes tipos de produções desviantes em relação à gramática adulta³: i) ênclise em contexto de próclise, com orações subordinadas (4), com negação (5), com interrogativas-wh (6); ii) próclise em contexto de ênclise (7); iii) mesóclise na ausência de futuro e de condicional (8); iv) duplicação de clítico (próclise e ênclise simultâneas) (9):

- (4) a. Foste tu que daste-**me** (J. 4;8)
 - b. Foi a Mariana que deu-**me** este. (Sandra 3;0.21; in Soares, 2006: 375)
 - c. foi alguém que meteu-**me** nesta fotografia (J. G. 3;3; in Duarte *et al.*, 1995)
- (5) a. O mano não deixa-**me** dormir (J. 3;8)
 - b. não chama-**se** nada (M. 20 meses; Duarte *et al.* 1995)
- (6)a. Porque partiu-**se**, mãe? (J. 3;4)
 - b. Porque é que foste-**me** interromper? (R., 2;5; in Duarte *et al.*, 1995)
- (7)a. Uma carta **me** caiu, do pokémon (J. 4;8)
 - b. Se queres levar isto, eu **te** empresto. (J. 3;6)
 - c. Eu **te** empresto um, pai. (J. 3;7)
- (8)a. Dá-**me**-s uma moeda no meu porquinho? (J. 3; 4)
 - b. Ai, duas pessoas a agarrar-**m**-em! (J. 3;5)
 - c. Pai, deixa-**me**-s comer a sopa? (J. 3;5)
- (9)a. Eu disse que não **se** põe-**se** em pé. (J. 3;4)
 - b. não **te** engasgas-**te** nada! (R. 2;5; in Duarte *et al.*, 1995)

Para uma melhor caracterização do desenvolvimento da colocação de clíticos em português europeu, importa, assim, perceber se se trata de produções pontuais ou generalizadas, qual é a incidência de cada um destes padrões nas produções das crianças e quais as idades em que eles se manifestam. Com o objetivo de testar a aquisição da colocação de clíticos de uma forma mais controlada e sistemática, construímos uma situação experimental, que descreveremos na secção seguinte.

3. Estudo experimental

3.1. Questões de investigação e hipóteses

Considerando que a gramática do português europeu apresenta padrões variáveis de colocação de clíticos em orações finitas e que os diferentes padrões podem estar associados

³ Os exemplos identificados com J. correspondem a produções espontâneas de uma criança filha de um dos autores do artigo, registadas informalmente.

a graus de complexidade derivacional distintos, podemos colocar diferentes hipóteses para a aquisição:

i) Se a variabilidade do input for por si só problemática, espera-se que haja problemas quer em contextos de ênclise, quer em contextos de próclise (as crianças hesitarão entre ênclise e próclise, quer em contextos de ênclise, quer em contextos de próclise);

ii) Se o percurso de aquisição for determinado por fatores de complexidade e ênclise e próclise forem derivadas de forma diferente, espera-se que haja dificuldades apenas num dos contextos (se a próclise for um padrão mais complexo, espera-se que as crianças tendam a generalizar a ênclise a contextos de próclise; se a ênclise for um padrão mais complexo, espera-se que as crianças generalizem a próclise a contextos de ênclise);

iii) Se a complexidade associada a estruturas sintáticas específicas desempenhar um papel na aquisição, espera-se encontrar sensibilidade a diferentes contextos, de acordo com o seu grau de complexidade;

iv) Se a aquisição dos contextos de colocação de clíticos estiver dependente da definição de traços específicos de itens funcionais, espera-se encontrar diferenças entre contextos, sendo a colocação de clíticos adquirida mais cedo em contextos menos complexos e mais especificados.

3.2. Metodologia e procedimentos

Para testar a aquisição da colocação de clíticos em português europeu, construiu-se uma tarefa de produção induzida a partir de imagens.

A tarefa foi aplicada a crianças em idade pré-escolar e escolar, na zona da grande Lisboa: 22 crianças de 5 anos (com idades entre 5;0.17 e 5;11.8, média de idade: 5;4) e 20 crianças de 6 anos (com idades entre 6;0.22 e 6;10.14; média de idade: 6;4)⁴. Foi também testado um grupo de controlo de 20 adultos, com idades entre os 19 e os 40 (média de idade: 22). Todos os participantes eram falantes monolíngues de português europeu, sem diagnóstico de perturbações de desenvolvimento.

Para garantir que as crianças produzissem clíticos, foram apenas incluídos contextos com o clítico *se*, uma vez que sabemos de estudos anteriores que este clítico é o que deixa de ser omitido mais cedo e apresenta menores taxas de omissão (cf. Silva, 2008). Para além disso, foram apenas incluídas frases com o pretérito perfeito do indicativo, para evitar a introdução de posições adicionais associadas a contextos com predicados complexos

⁴ As crianças de 5 anos frequentavam o ensino pré-escolar e as de 6 anos frequentavam o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico.

AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

(Auxiliar-Verbo)⁵. Não se incluíram contextos de mesóclise, uma vez que Santos (2002) e Costa (2012) mostram que este padrão não parece ser adquirido sem que haja aprendizagem explícita, não estando ainda dominado na adolescência.

Todos os participantes foram testados individualmente, tendo o teste sido gravado e as respostas transcritas. Perante uma imagem, apresentada num computador, pedia-se ao participante que respondesse a uma questão ou que completasse uma frase. No estímulo introdutório, não eram usados clíticos.

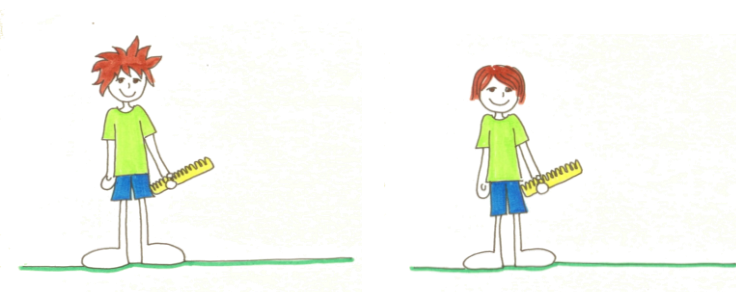
O teste continha 36 itens (ver lista de itens de teste em Anexo), que induziam a produção de um clítico em diferentes contextos de próclise e em contextos de ênclise. As condições eram as seguintes:

- i) Orações simples sem proclisador (ênclise) – 8 itens
- ii) Orações coordenadas sem proclisador (ênclise) – 4 itens
- iii) Orações simples com negação (próclise) – 4 itens
- iv) Orações simples com sujeitos negativos ‘ninguém’ (próclise) – 4 itens
- v) Orações simples com sujeitos DP quantificados com ‘todos’ (próclise) – 4 itens
- vi) Orações simples com advérbio ‘já’ (próclise) – 4 itens
- vii) Orações subordinadas completivas com ‘querer’ (próclise) – 4 itens
- viii) Orações subordinadas adverbiais com ‘porque’ (próclise) – 4 itens

A ordem dos itens foi aleatorizada (ver Anexo), de forma a ir alternando itens que induziam próclise com itens que induziam ênclise em diferentes contextos.

Exemplificamos, de seguida, alguns dos itens de teste.

Exemplo de item de teste para orações simples:



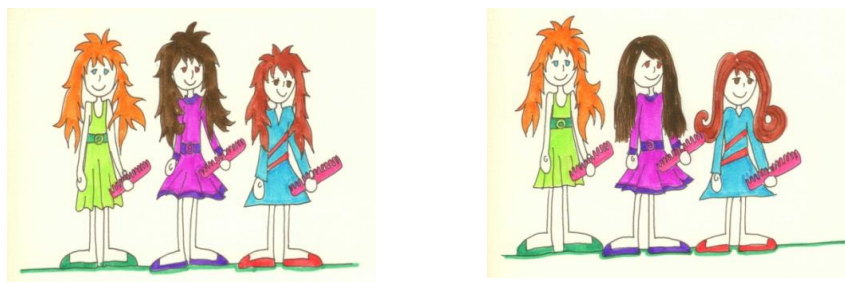
[imagem 1] Este menino está todo despenteado. Mas tem um pente na mão.

[imagem 2] O que é que o menino fez?

⁵ Apesar disso, ocasionalmente, os participantes usaram um complexo verbal (ex: *foi sentar-se*) em vez do pretérito perfeito simples (*sentou-se*). Nestes casos, as respostas em que havia dúvidas quanto à posição enclítica ou proclítica foram classificadas como outras respostas.

Resposta esperada: Penteou-se.

Exemplo de item de teste para contextos de negação:



[imagem 2] Estas duas meninas usaram o pente e estão agora penteadas. Mas esta menina continua despenteada. O que é que ela não fez?

Resposta esperada: Não se penteou.

Exemplo de item para subordinadas completivas:



[imagem 1] Este menino foi ao parque e ficou todo sujo. O pai deu uma toalha ao menino. O que é que o pai quer que o menino faça? O pai quer...

Resposta esperada: que o menino/ele se limpe.

Nos itens com advérbio, com sujeitos quantificados e com sujeitos negativos, para garantir a presença do proclisador, era dado o início da resposta seguido de uma entoação suspensiva: *Ninguém...*; *Todos os meninos...*; *Já...* Nos itens relativos a subordinadas completivas e adverbiais, era dado o início da frase.

3.3. Resultados

As respostas obtidas foram codificadas de acordo com as seguintes categorias:

a) próclise; b) ênclise; c) redobro; d) omissão; e) outras respostas.

AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

Apresentamos os resultados globais, por faixa etária, agrupando, por um lado, as condições que induziam ênclise (i) e ii)) – Tabela 1 – e, por outro lado, as condições que induziam próclise (iii)-viii)) –Tabela 2:

	ênclise				
	ênclise	próclise	redobro	omissão	outra
5 anos	69,2%	0,4%	0,4%	5%	25%
6 anos	89,2%	0	0	0	10,8%
adultos	90,4%	0	0	0,4%	9,2%

Tabela 1: Respostas obtidas nos contextos de ênclise

	próclise				
	ênclise	próclise	redobro	omissão	outra
5 anos	49,58%	25,83%	0,42%	11,66%	12,5%
6 anos	42,7%	49,8%	0	3,1%	4,4%
adultos	10,83%	86,04%	0	0,42%	2,71%

Tabela 2: Respostas obtidas nos contextos de próclise

Globalmente, verifica-se que:

i) quase não há próclise em contexto de ênclise (apenas 1 caso em 264 no grupo dos 5 anos);

ii) há uma taxa elevada de ênclise em contexto de próclise nas crianças;

iii) também o grupo de controlo produziu uma pequena percentagem de ênclise em contexto de próclise (10,8%, quando consideramos os resultados globais);

iv) houve apenas 3 casos de redobro e apenas no grupo dos 5 anos, dois deles em contextos de próclise (um com negação, outro com o advérbio *já*) e um num contexto de ênclise em que a criança usou uma estrutura com complexo verbal em vez do verbo simples: *não se escondeu-se / já se levantou-se / a avó foi-se pentear-se*;

v) a omissão foi residual, embora um pouco mais elevada no grupo dos 5 anos (68/792; 8,6%), o que mostra que a estratégia de recorrer apenas ao clítico *se* para garantir a produção de clíticos foi eficaz;

vi) foram obtidas algumas outras respostas, sobretudo nos itens que induziam ênclise em estruturas coordenadas (ii)), que, metodologicamente, funcionaram menos bem.

Se conservarmos apenas as respostas de ênclise e de próclise, eliminando os outros tipos de respostas, podemos observar o seguinte padrão⁶:

⁶ O número de respostas com ênclise ou próclise, para cada grupo, é o seguinte: adultos: 217/240 para ênclise; 465/480 para próclise; 5 anos: 186/264 para ênclise; 408/528 para próclise; 214/240 para ênclise; 444/480 para próclise.

	contextos de ênclise		contextos de próclise	
	ênclise	próclise	ênclise	próclise
5 anos	99,5%	0,5%	64%	36%
6 anos	100%	0	46,2%	53,8%
adultos	100%	0	11,2%	88,8%

Tabela 3. Resultados globais, agrupando contextos de ênclise e contextos de próclise, considerando apenas as respostas com clíticos

Verificamos, assim, que não há problemas nos contextos de ênclise – todos os grupos colocam os clíticos em ênclise com taxas superiores a 99% -, mas há problemas nos contextos de próclise, havendo desenvolvimento dos 5 (36% de próclise) para os 6 anos (53,8%). Mesmo os adultos têm percentagens de próclise inferiores a 90% (88,8%).

Importa agora olhar para os diferentes contextos de próclise para determinar se os padrões desviantes se distribuem aleatoriamente pelos diferentes contextos ou se são atribuíveis a um contexto sintático específico. A tabela 4 ilustra a percentagem de próclise obtida em cada grupo para cada uma das condições que induzia a produção de próclise:

	5 anos	6 anos	adultos
negação	61%	87,5%	97,4%
sujeitos negativos (<i>ninguém</i>)	48,3%	69,2%	96,1%
orações completivas com <i>querer</i>	46,7%	74,6%	97,3%
advérbio <i>já</i>	36%	58,2%	93,6%
orações adverbiais com <i>porque</i>	14%	20%	77,6%
sujeitos quantificados com <i>todos</i>	9,9%	12,2%	70,8%

Tabela 4: % de próclise, em cada grupo, nos diferentes contextos de próclise

Como se pode observar na tabela 4, há claramente uma distinção entre contextos e há desenvolvimento em todos os contextos dos 5 para os 6 anos. No grupo de controlo, verifica-se que os contextos em que as taxas de próclise são mais baixas (inferiores a 90%) são apenas o das orações adverbiais e o de sujeitos quantificados, em que as taxas de próclise se situam entre os 70% e os 80%.

No grupo dos 5 anos, só no contexto de negação é que a taxa de próclise é superior a 50%. No grupo dos 6 anos, no contexto de negação, a taxa de próclise está acima dos 80% e só os contextos de orações adverbiais e de sujeitos quantificados continuam muito abaixo dos 50%.

É, assim, possível estabelecer uma escala, ordenada dos contextos em que a próclise é adquirida mais cedo para os contextos em que a próclise é adquirida mais tarde:

negação > sujeitos negativos + orações completivas > advérbio *já*

> orações adverbiais > sujeitos quantificados

Se considerarmos os resultados individuais, verificamos que há diferenças entre participantes quanto ao ritmo de desenvolvimento e quanto à produção de ênclise em contextos de próclise.

No grupo dos adultos, constatamos que, nos contextos de próclise: 6 participantes têm próclise categórica em todos os contextos; 6 adultos têm próclise em quase todos os contextos, com apenas uma única realização de ênclise (com sujeitos quantificados ou com advérbio ‘já’); 4 adultos têm 2 ou 3 realizações de ênclise (com orações adverbiais, sujeitos quantificados ou subordinadas completivas); 3 adultos têm entre 4 e 6 realizações de ênclise (em orações adverbiais, com sujeitos quantificados e com advérbio ‘já’); 2 adultos têm taxas idênticas de próclise e de ênclise – 11 ou 12 casos de ênclise em 24 – com taxas maioritárias de ênclise em orações adverbiais e com sujeitos quantificados.

No grupo dos 5 anos, verifica-se que, nos contextos de próclise: 3 crianças apresentam ênclise categórica; 8 crianças apresentam ênclise maioritária, sendo o contexto de negação o que apresenta mais ocorrências de próclise; 8 crianças apresentam já próclise maioritária, sendo os contextos de sujeitos quantificados e de subordinadas adverbiais aqueles em que a ênclise ainda é dominante; apenas uma criança apresenta próclise categórica, com um comportamento idêntico ao de um adulto falante da gramática da norma.

No grupo dos 6 anos, verificamos que, nos contextos de próclise: para 9 crianças, a próclise é já o padrão dominante, sendo os contextos de orações adverbiais e de sujeitos quantificados aqueles que apresentam ainda taxas elevadas de ênclise; 5 crianças têm taxas quase idênticas de ênclise e de próclise, maioritariamente com sujeitos quantificados e com orações adverbiais; 6 crianças ainda têm ênclise dominante, mas todas elas já produzem próclise pelo menos no contexto de negação.

Verificamos, assim, que os resultados individuais refletem a tendência geral, que a próclise é adquirida mais cedo em alguns contextos (especialmente o de negação) e que também para alguns adultos alguns contextos não são contextos de próclise categórica (em particular o de sujeitos quantificados e o de orações adverbiais).

4. Discussão e conclusões

Retomando as questões de investigação iniciais, podemos verificar que as conclusões gerais retiradas de estudos de produção espontânea (Duarte *et al.*, 1995) são confirmadas:

há generalização de ênclise a contextos de próclise, mas o contrário não se verifica. Podemos ainda constatar que os problemas com a colocação de clíticos são independentes do fenómeno de omissão: aos 6 anos, as crianças já quase não omitem o clítico *se*, mas ainda têm taxas elevadas de generalização de ênclise.

O nosso trabalho mostra ainda que a generalização da ênclise em português europeu se prolonga até idades mais tardias. Em crianças de 6 anos ainda se pode encontrar generalização da ênclise, o que não se verificou na aquisição do grego cipriota, em que a próclise parece estar adquirida aos 4 anos (cf. Neokleous, no prelo).

Mais interessante é, contudo, a constatação de que o desenvolvimento não segue o mesmo ritmo em todos os contextos de próclise. Como vimos, há contextos em que a aquisição da próclise é mais precoce e contextos em que a aquisição da próclise é mais tardia. Retomemos a escala que apresentámos acima:

1º negação > 2º sujeitos negativos + orações completivas > 3º advérbio *já*
> 4º orações adverbiais > 5º sujeitos quantificados

De que forma é que a complexidade pode explicar esta escala de desenvolvimento⁷?

A nossa hipótese é que a variação associada a cada contexto induz um atraso no desenvolvimento. Na realidade, há trabalhos desenvolvidos para outras estruturas ou para outras línguas que mostram que a variação no sistema pode induzir atrasos no desenvolvimento. Costa e Lobo (2011) mostram que as crianças portuguesas têm um desenvolvimento mais lento na realização de clíticos, possivelmente devido à coexistência da construção de objeto nulo na gramática adulta. Ao contrário do que acontece em línguas em que não há variação entre clítico e objeto nulo, as crianças portuguesas generalizam a omissão de clítico a contextos em que ela não é possível. Curiosamente, as crianças manifestam diferentes taxas de omissão em diferentes contextos – reflexos, ilhas sintáticas, não reflexos. Também Miller & Schmitt (2010) mostram que a variabilidade no sistema, especificamente a variação entre presença e ausência de morfologia de plural no sistema nominal, está associada a um desenvolvimento mais lento na identificação da pluralidade.

⁷ Flores e Barbosa (2012) apresentam uma proposta para a generalização da ênclise na aquisição, segundo a qual as crianças optam por uma gramática mais restritiva, de acordo com o Princípio do Subconjunto, optando inicialmente pelo padrão enclítico. Na explicação das autoras, as crianças começariam por sobregeneralizar uma regra pós-sintática de deslocação local, responsável pelos padrões enclíticos, seguindo a proposta para a variação ênclise-próclise de Magro (2008) e Barbosa (2008), no modelo da Morfologia Distribuída. Progressivamente, as crianças iriam abandonando a sobregeneralização da regra, pela aprendizagem dos contextos em que a regra é bloqueada. Esta hipótese explicaria a preferência pela ênclise, mas não necessariamente o desenvolvimento gradual da próclise, a não ser que se assuma que o abandono progressivo da sobregeneralização se correlaciona com a complexidade de cada um dos contextos.

AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

Se olharmos para os diferentes contextos de próclise, verificamos que há contextos em que as pistas morfossintáticas são mais salientes. Quanto mais simples são os traços sintáticos, mais estável é o sistema num determinado contexto e mais precoce é a aquisição.

Consideremos os diferentes contextos que incluímos no teste:

a) negação: o contexto de negação é um contexto de próclise categórica, sendo o traço [negação] um traço sintático que é adquirido muito cedo;

b) sujeitos negativos: nem todos os sujeitos são indutores de próclise, mas todos os sujeitos com traço [negação] induzem a próclise;

c) orações subordinadas completivas: nem todos os contextos encaixados estão associados a próclise, havendo variação entre finitas e infinitivas e alguma instabilidade na gramática adulta em completivas com o indicativo⁸; contudo, as completivas com o conjuntivo introduzidas por complementadores, como as que incluímos no teste, são mais claramente marcadas como contextos de subordinação finita, associados a próclise, com propriedades diferentes de orações raiz; as crianças terão de determinar qual o subconjunto de orações encaixadas em que é desencadeada a próclise;

d) advérbios: como é sabido, apenas um conjunto restrito de advérbios pré-verbais, com propriedades semânticas variáveis, induz a próclise (cf. Castro & Costa, 2003); a criança terá de determinar caso a caso os traços gramaticais associados aos advérbios proclisadores;

e) sujeitos quantificados: como é sabido, nem todos os sujeitos quantificados induzem próclise (cf. Martins, 1994); apesar de os sujeitos quantificados com *todos* serem geralmente indutores de próclise, a criança terá de determinar qual o subconjunto de quantificadores que funciona como indutor de próclise;

f) orações adverbiais: as orações causais, como as que incluímos no teste, tal como descrito por vários autores (e.g. Lobo, 2003), nem sempre têm funcionamentos característicos de subordinadas, podendo ser aproximadas de estruturas de coordenação; trata-se, assim, de um contexto cujo estatuto sintático é menos claro e mais suscetível de apresentar variação entre ênclise e próclise.

Em síntese, verifica-se que a aquisição da colocação de clíticos em português europeu contrasta com outros casos em que a ordem de palavras é adquirida muito cedo. A diferente especificação e variação associada a construções e itens lexicais específicos pode

⁸ Veja-se que, no estudo de Flores e Barbosa (2012), o contexto de completivas com indicativo foi precisamente aquele em que se verificaram problemas na colocação de clíticos até mais tarde.

explicar o atraso na aquisição. O papel da variação é confirmado pela sensibilidade a contextos com maior ou menor variação entre itens lexicais. O facto de a tendência de colocação se dar apenas num sentido mostra que o problema não resulta de um input variável em geral, mas que é antes condicionado por fatores gramaticais e lexicais. A variabilidade encontrada entre contextos mostra ainda que não é plausível atribuir uma explicação única para a generalização da ênclise, como, por exemplo, tratar-se de uma derivação menos complexa ou de uma reanálise no estatuto morfológico do clítico.

Referências

- Babyonyshev, M. e S. Marin (2005) The acquisition of object clitic constructions in Romanian. In Randall Scott Gess & Edward J. Rubin, eds. *Theoretical and experimental approaches to Romance linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 21-40.
- Barbosa, P. (1996) Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects. In A. Halpern e A. Zwicky, eds. *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford, Calif.: CSLI Publications, pp. 1-40.
- Barbosa, P. (2008). Clíticos, Deslocação Local e Linearização Cíclica. *Diacrítica*, Série Ciências da Linguagem, 22, pp. 131–156.
- Costa, A. L. (2012) A mesóclise: uma espécie linguística em vias de extinção, ms. trabalho realizado no âmbito de ação de formação.
- Costa, J. e M. Lobo (2006) A aquisição de clíticos em PE: Omissão de Clíticos ou Objectos Nulos? *XXI Encontro Nacional da APL. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 285-293.
- Costa, J. e M. Lobo (2007a) Clitic Omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In S. Baauw, F. Drijkonongen & M. Pinto, eds. *Romance Languages and Linguistic Theory 2005*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 59-72.
- Costa, J. e M. Lobo (2007b) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. *XXII Encontro Nacional da APL. Textos seleccionados*. APL: Lisboa, pp. 303-313.
- Costa, J. e M. Lobo (2011) Objeto nulo na aquisição do português europeu: pro ou variável? *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados 2010*, pp. 197-207.
- Costa, J., M. Lobo e C. Silva (2009) Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus* 21.2, pp. 143-162

AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

- Duarte, I., G. Matos e I. Faria (1995) Specificity of European Portuguese Clitics in Romance. In I. Hub Faria e M. J. Freitas, eds. *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 129-154.
- Duarte, I. e G. Matos (2000) Romance Clitics and the Minimalist Program. In J. Costa, ed. *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 116-142.
- Flores, C. & P. Barbosa (2012) When reduced input leads to delayed acquisition: A study on the acquisition of clitic placement by Portuguese heritage speakers. *International Journal of Bilingualism*, pp. 1-22.
- Frota, S. e M. Vigário (1996) On weight effects in European Portuguese. Comunicação apresentada em *Glow Workshop on Weight Effects*. Atenas.
- Grüter, T. (2006) *Object clitics and null objects in the acquisition of French*. Diss. doutoramento, McGill Univ. Montreal.
- Guasti, M.T. (1993/94) Verb syntax in Italian child grammar: finite and nonfinite verbs. *Language Acquisition* 3(1), pp. 1-40.
- Hamann, C., L. Rizzi & U. H. Frauenfelder (1996) On the acquisition of subject and object clitics in French. In H. Clahsen, ed. *Generative perspectives on language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 309-34.
- Jakubowicz, C. (2004) Is Movement Costly? The Grammar and the Processor in Language Acquisition. Comunicação apresentada a *JEL '2004*, Nantes, França, 5-7 maio.
- Jakubowicz, C., L. Nash, C. Rigaut e C-L. Gérard (1998) Determiners and Clitic Pronouns in French-Speaking Children with SLI. *Language Acquisition* 7.2, pp. 113-160.
- Madeira, A. (1992) On Clitic Placement in European Portuguese. In H. van de Koot, ed. *UCL Working Papers in Linguistics*, vol. 4, Univ. College, Londres.
- Magro, C. (2008) *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Diss. De doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Marinis, T. (2000) The acquisition of clitic objects in Modern Greek: Single clitics, clitic doubling, clitic left dislocation. In *ZAS Papers in Linguistics* 15. Berlin: ZAS, pp. 259-81.
- Martins, A. M. (1994) *Clíticos na História do Português*. Diss. doutoramento. Univ. Lisboa.
- Neokleous, T. (no prelo) Clitic (Mis)Placement in Early Grammars: Evidence from Cypriot Greek. In *Advances in Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.

- Petinou, K. & A. Terzi (2002) Clitic misplacement among normally developing children and children with specific language impairment and the status of Infl heads. *Language Acquisition* 10.1, pp. 1-28.
- Santos, M. F. Nascimento dos (2002) *Os Pronomes Pessoais Átonos no Português Europeu. Descrição de Problemas que Ocorrem no 3º ciclo e Proposta de Actividades Didácticas*. Diss. de mestrado, FLUL.
- Schaeffer, J. (2000). *The acquisition of direct object scrambling and clitic placement: Syntax and pragmatics*. Amsterdam: Benjamins.
- Silva, C. (2008) *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em português europeu*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Soares, C. (2006) *La syntaxe de la périphérie gauche et son acquisition en Portugais Européen*. Diss. doutoramento. Paris, Univ. Paris 8.
- Wexler, K., A. Gavarrò & V. Torrens (2004) Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse, B. Kampers-Manhe & P. Sleeman, eds. *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 253-68.

Anexo: Lista de itens de teste⁹

1. EFS: Este menino está todo despenteado. Mas tem um pente na mão. O que é que o menino fez?
RE: Penteou-se.
2. PSN: Os meninos estão todos sentados. Tocou a campainha para o recreio. Olha como é que eles estão! Estão todos sentados. O que é que ninguém fez? Ninguém... RE: Ninguém se levantou.
3. PAdv: Estes meninos estão todos sujos. Cada um tem uma toalha na mão. Este menino já não está sujo. O que é que ele já fez? Já... RE: Já se limpou.
4. EFC: Olha, aqui está o príncipe e o avô de pé. O príncipe está com fome e o avô está cansado. Olha só! O que é que eles fizeram? O príncipe... RE: O príncipe comeu bolachas e o avô sentou-se.
5. PNeg: Estas duas meninas usaram o pente e estão agora penteadas. Mas esta menina continua despenteada. O que é que ela não fez? RE: Não se penteou.
6. PComp: Este menino está todo despenteado. A mãe deu um pente ao menino. O que é que a mãe quer que ele faça? A mãe quer... RE: que ele se penteie.

⁹ As siglas correspondem aos diferentes contextos de ênclise e próclise testados: EFS = Ênclise Frase Simples; EFC = Ênclise Frase Coordenada; PSN = Próclise Sujeito Negativo; PAdv = Próclise Advérbio; PNeg = Próclise Negação; PComp = Próclise Completiva; PSubAdv = Próclise Subordinada Adverbial; PSQ = Próclise Sujeito Quantificado.

AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

7. EFS: Este menino está cansado de estar em pé. O que é que o menino fez? RE: Sentou-se.
8. PSubAdv: O menino está todo sujo. A avó deu um lenço ao menino. Olha o que o menino fez. A avó está contente. Porque é que a avó está contente? A avó está contente porque... RE: porque o menino se limpou.
9. PSQ: Estas meninas estão todas despenteadas e cada uma tem um pente. Olha, o que é que todas as meninas fizeram? Todas as meninas.... RE: Todas as meninas se pentearam.
10. EFC: Aqui está a princesa e tem um lápis. Aqui está a avó e tem um pente na mão. E agora, o que é que elas fizeram? A princesa... RE: A princesa pintou-se e a avó penteou-se.
11. PNeg: O príncipe e estes dois meninos vão jogar às escondidas. É a vez de o príncipe contar e procurar os meninos. Um dos meninos vai ganhar o jogo porque está escondido atrás da árvore. Mas este menino vai perder...O que é que ele não fez? RE: Não se escondeu.
12. EFS: O príncipe é um maroto! Foi para a poça de lama e vê só! O que é que aconteceu ao príncipe? RE: Sujou-se.
13. PSNeg: Os meninos estão todos sujos. Têm um lenço na mão. O que é que ninguém fez? Ninguém... RE: ninguém se limpou.
14. PAdv: Este menino está todo despenteado. Olha, ele tem um pente. Aqui já não está despenteado. O que é que ele já fez? Já... RE: Já se penteou.
15. PComp: Estes meninos estão sentados, mas este menino está de pé. O que é que a rainha quer que o menino faça? A rainha quer... RE: que ele se sente.
16. PSubAdv: O menino está despenteado. A avó deu um pente ao menino. Olha o que o menino fez. A avó está contente. Porque é que a avó está contente? A avó está contente porque... RE: porque o menino se penteou.
17. PSQ: Olha, há três velas acesas, mas veio um vento forte. Olha, o que é que aconteceu a todas as velas? Todas as velas.... RE: Todas as velas se apagaram.
18. PSNeg: Os meninos estão todos despenteados e têm um pente escondido atrás das costas. O que é que ninguém fez? Ninguém... RE: Ninguém se penteou.
19. EFS: Aqui estão três meninos sentados. O que é que o menino de camisola amarela fez? RE: Levantou-se.
20. PSQ: Todas as janelas estavam fechadas mas estava muito vento. O que é que aconteceu a todas as janelas? Todas as janelas... RE: Todas as janelas se abriram.
21. EFC: Aqui está o menino e o elefante. E agora, vamos ver... O que é que eles fizeram? O elefante... RE: O elefante molhou-se e o menino lavou-se.
22. PAdv: O príncipe e estes dois meninos vão jogar às escondidas. O príncipe começa a contar. Um dos meninos vai ganhar o jogo porque já está escondido atrás da árvore. O que é que este menino já fez? Já... RE: Já se escondeu.
23. PSubAdv: O menino tem dois carros. Olha o que aconteceu. O menino está triste. Porque é que o menino está triste? O menino está triste porque... RE: porque os carros se partiram.

24. EFS: Aqui a jarra estava inteira. Olha agora: o que é que aconteceu à jarra? RE: Partiu-se.
25. PComp: Este menino foi ao parque e ficou todo sujo. O pai deu uma toalha ao menino. O que é que o pai quer que o menino faça? O pai quer... RE: que ele se limpe.
26. PNeg: Temos aqui três velas acesas, mas estava muito vento na sala. Estas duas velas estão apagadas, mas esta não. O que é que não aconteceu a esta vela? RE: Não se apagou.
27. EFS: A janela estava fechada, mas está muito vento. Olha: o que é que aconteceu à janela? RE: Abriu-se.
28. EFC: Olha, aqui está uma menina e um menino. E agora, o que é que eles fizeram? A menina... RE: A menina adormeceu e o menino deitou-se.
29. PComp: A menina estava muito suja. A avó deu-lhe uma esponja. O que é que a avó quer que a menina faça? A avó quer... RE: que ela se lave.
30. PNeg: Estão aqui duas caixas em cima da mesa. Esta está trancada à chave mas a outra não está. Olha: as caixas caíram ao chão. Esta caixa está aberta mas a que estava trancada, não está aberta. Quando caiu ao chão, o que é que não aconteceu a esta caixa? RE: Não se abriu.
31. PSNeg: Olha, o príncipe, o avô e a menina estão cansados e há duas cadeiras. O que é que ninguém fez? Ninguém... RE: Ninguém se sentou.
32. EFS: A porta estava aberta, mas estava muito frio. Olha agora, o que é que aconteceu à porta? RE: Fechou-se.
33. PAdv: Aqui estão três meninos sentados. Um menino está cansado de ficar tanto tempo sentado. Aqui já não está sentado. O que é que ele já fez? Já... RE: Já se levantou.
34. PSQ: Os meninos estão todos sujos de lama e têm todos um lenço. Olha! O que é que todos os meninos fizeram? Todos os meninos.... RE: Todos os meninos se limparam.
35. EFS: Olha, aqui está o elefante. O dia estava muito quente. O que é que o elefante fez? RE: Molhou-se.
36. PSubAdv: Olha a porta está fechada. De repente ficou frio. Porque é que ficou frio? Ficou frio porque.... RE: porque a porta se abriu.